

Alucinação e delírio na obra de Freud: produção de desejo

*Hallucination and delirium in Freud's work:
production of desire*

Isabel Fortes*

Eduardo Leal Cunha**

Resumo: Neste artigo trabalhamos o conceito de alucinação em Freud, demonstrando como essa noção aponta a positividade do desejo como experiência realizável, fora do campo da representação. Retomamos a leitura freudiana da experiência alucinatória a partir de sua compreensão pela metapsicologia, em particular o registro econômico, mostrando sua relação com a descarga motora e o sistema da percepção; e do laço entre alucinação, fantasia e delírio – elo entre a experiência alucinatória e processos referidos aos mecanismos de ligação da pulsão às representações e aos modos de relação com a realidade e com o Outro.

Palavras-chave: Alucinação, desejo, sonho, fantasia.

Abstract: *In this article we examine the concept of hallucination in freudian theory to show how this notion points out the positivity of the desire as a possible experience outside the realm of representation. We resume Freud's metapsychological description of the hallucinatory experience – particularly the economic register – showing its relation to motor discharge and to the perception system; and the link between hallucination, fantasy and desillusion, as well as between hallucinatory experiences and processes related, both mechanisms connecting the drive to representations and ways of relating to reality and the Other.*

Keywords: *Hallucination, desire, dream, fantasy.*

* Psicanalista, profa. visitante do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

** Psicanalista, prof. do Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social/Universidade Federal de Sergipe.

O propósito deste artigo é retomar a discussão sobre a experiência alucinatória a partir do texto do criador da psicanálise, procurando demonstrar a complexidade da teorização proposta por Freud acerca dessa noção, especialmente uma vez que tal complexidade se contrapõe a qualquer leitura simplificada da alucinação na qual esta possa ser tomada como mero erro perceptivo. Neste sentido, recorreremos aos vínculos entre alucinação, desejo, realidade e alteridade, e desenvolvemos o argumento inicial de que a experiência alucinatória deve ser inicialmente pensada a partir do registro econômico da metapsicologia freudiana.

Nosso ponto de partida é a constatação de que a alucinação se apresenta na teoria freudiana como via possível de realização do desejo. Ao analisarmos a produção alucinatória do sonho, constataremos aí a possibilidade de tal realização, ainda que parcial ou transitória. O desenvolvimento do sentido regressivo do sonho, exposto tanto no capítulo VII de *A interpretação de sonhos* (FREUD, 1900/1972) como no *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (*id.*, 1917/1974), oferece a indicação teórica dessa possibilidade.

Como no estado do sono a motilidade do corpo encontra-se paralisada, o desejo inconsciente surge como a força motriz que conduz o sonho. A suspensão da motilidade é o que permite que o inconsciente passe a dominar a atividade psíquica que se materializa no sonho. O que move o sonho é o desejo que busca, por essa via, a sua realização. Uma condição fundamental para a concepção do desejo é o fato de o sonho expressar-se por meio de imagens sensoriais. A regressão é o caminho que viabiliza a transformação da ideia em uma imagem sensória, quando a excitação movimenta-se na direção “para trás”, pois nesse caso a excitação retorna para a extremidade da percepção. Suspenso o caminho da descarga motora, resta à excitação o caminho regressivo da extremidade sensória do aparelho psíquico, passando a investir o sistema perceptivo.

A regressão ocorre, então, quando uma ideia se transforma a ponto de atingir *total vivacidade sensorial* (*id.*, 1900/1972, *op. cit.*, p. 579). Nesse momento ocorre a revivescência alucinatória das imagens perceptuais que reveste o sonho do tempo presente, por se tratar de uma situação percebida pelos sentidos. Assim, a realização do desejo é tributária do fato de a intensidade de pensamento ter sido substituída pela intensidade sensorial dos elementos no sonho. Vale sublinhar o quanto a sensorialidade torna-se, aqui, aliada da produção de desejo.

Como salienta David-Ménard (1993), em Freud o termo *Wunscherfüllung* designa “realização do desejo”. A noção de desejo não aparece sozinha, mas

sempre condensada na expressão acima, ou seja, o desejo sempre entendido no âmbito de sua própria atualização. Portanto, vislumbra-se aqui uma teoria do desejo como realização alucinatória do seu alvo. Segundo a autora, em *A interpretação dos sonhos*, a abordagem do desejo aponta para uma forma nova de concebê-lo. Ao trazer para o centro da cena a noção de alucinação, Freud mostra que o sonho substitui os pensamentos por imagens, colocando-se em oposição aos psicólogos de seu tempo. Tal deslocamento do pensamento em alucinação enseja um processo em que “a análise da linguagem do sonho é conduzida de maneira a avançar que sonhar é viver e não representar os pensamentos” (DAVID-MÉNARD, 1993, *op. cit.*, p. 95. A tradução é nossa).

Mas como é produzida a alucinação? O esquema proposto em 1900 é o seguinte: o bebê alucina porque dispõe de um caminho facilitado para investir o objeto. Freud recorre aqui à noção de “vivência de satisfação” que apresentou em *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1950 [1895]/1977). Quando as necessidades corporais exigem a satisfação, o bebê com fome e desamparado grita e esperneia, mas esses movimentos não o saciam. A modificação só pode ocorrer por meio da ação do cuidado do outro que assiste o bebê em seu desamparo, sendo, portanto, necessário que haja um cuidado exterior para que a satisfação aconteça, pondo fim às estimulações internas provindas das necessidades.

Na vivência de satisfação surge a percepção cuja imagem mnêmica ficará de agora em diante associada ao traço de memória da excitação que foi produzida pela necessidade. O bebê alucina o seio para repetir a primeira experiência de satisfação, ocorrendo aqui um superinvestimento energético dos vestígios que a primeira satisfação do desejo deixou no psiquismo.

Quando a necessidade surge novamente, virá um impulso psíquico que buscará investir novamente a imagem mnêmica, pois foi estabelecida uma facilitação na vivência de satisfação, uma conexão entre a imagem mnêmica e o traço de excitação. O investimento na imagem mnêmica produzirá então uma percepção que visa restabelecer a situação da primeira satisfação:

Um componente essencial desta experiência de satisfação é uma percepção particular (a de nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnemônica permanece associada, daí por diante, ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade. Em resultado do elo que é assim estabelecido, na vez seguinte em que essa necessidade desperta, surgirá imediatamente um impulso psíquico que procurará reinvestir a imagem mnemônica da percepção e re-evocar a própria percepção, isto é, restabele-

cer a situação de satisfação original (FREUD, 1900/1972, *op. cit.*, p. 602-3).

Segundo Forrester (2006/2009), essa compreensão contém as teses fundamentais que sustentam a teoria psicanalítica do psiquismo a partir de uma *ontologia do desejo*. Com efeito, um impulso psíquico dessa espécie, explica Freud, é o que podemos chamar de desejo, sendo que o reaparecimento da percepção de forma alucinatória é a própria realização do desejo. Essa é a condição para que se produza a alucinação: como o caminho para o investimento do objeto está facilitado, se o bebê tem fome o seio aparece entre os neurônios que envolvem a memória do objeto, a excitação é investida com força, produzindo a identidade de percepção.

A noção de facilitação é fundamental nesse processo, pois se trata da via que levará o aparelho a atingir o sistema perceptivo. No *Projeto para uma psicologia científica*, a facilitação faz com que uma quantidade desloque-se mais facilmente de um neurônio para um neurônio investido do que para um neurônio não investido (FREUD, 1950 [1895]/1977, *op. cit.*, p. 423) e Freud reafirma a sua importância no *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, quando formula o “princípio da insuscetibilidade à excitação dos sistemas não catexizados” (FREUD, 1917/1974, *op. cit.*, p. 258). A noção de facilitação é assim fundamental para a concepção de que a experiência por si só promove a abertura de vias de acesso para o advento de novas experiências, indicando a tendência do aparelho à repetição dos estados de desejo.

Desse modo, o reaparecimento da percepção é o caminho mais curto para a realização do desejo, da trilha que conduz a excitação proveniente da necessidade ao investimento total da percepção. Ao buscar repetir a percepção ligada à vivência de satisfação, o aparelho psíquico produz o fenômeno da alucinação.

No entanto, a alucinação do objeto não leva a uma satisfação contínua, tratando-se de uma forma descontínua de satisfação. Isso faz com que seja necessário um sistema secundário que intercepte a transformação direta da memória em percepção, e possa responder às expectativas das exigências da vida e da autopreservação.

Aqui levantamos um ponto bastante relevante. Formular que a satisfação não é contínua é a mesma coisa que dizer que o desejo é insatisfeito? Observamos que na alucinação ocorre a realização efetiva do desejo, ainda que esta seja parcial e provisória. Como vemos em *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, “O desejo onírico, como dissemos, é *alucinado* e, como uma alucina-

ção, encontra-se com a crença na realidade de sua satisfação” (*id., ibid.*, p. 261). Portanto, dizer que o desejo onírico é alucinado significa dizer que há uma crença na realidade de sua satisfação. Conceber que a experiência de satisfação seja parcial não é o mesmo que dizer que há uma insatisfação do desejo. Retornaremos mais adiante a essa questão.

Por ora, observamos que uma função secundária entra em jogo a fim de que as exigências da vida sejam atendidas. O termo “exigências da vida” já havia sido apresentado no manuscrito de 1895, quando fora mencionada a necessidade de que os neurônios permaneçam com alguma reserva de quantidade energética, não sucumbindo totalmente ao princípio de inércia. O aparelho é então obrigado a transformar a atividade alucinatória em forma mais adequada e mais contínua de obtenção da satisfação. Sendo a alucinação o caminho mais curto para a realização do desejo, considerada uma atividade primária do aparelho, a atividade secundária visa deter o processo regressivo, obrigando o aparelho a continuar a trabalhar na busca da realização do desejo por um meio mais eficaz do emprego da força psíquica, mais de acordo com a exigência da vida, pois seria mortal para o organismo ficar indefinidamente alucinando.

Desse modo, a regressão é inibida pela atividade do pensamento que, nesse caso, entra em cena para substituir a atividade alucinatória. Nesse ponto, cabe ressaltar que ambas as produções – alucinação e pensamento – respondem ao imperativo do desejo no aparelho psíquico. Toda atividade do pensamento tecida a partir do mundo exterior é um percurso indireto para realizar o desejo (FREUD, 1900/1972, *op. cit.*). O pensamento consiste em uma transformação do desejo alucinatório, já que nada além do desejo pode colocar o aparelho psíquico em ação. Certamente que esta suposição – de que o pensamento resulta de transformação do desejo alucinatório – só pode ser feita se admitimos que tanto o pensar como o alucinar são movidos pelo combustível do desejo. Trata-se de ressaltar aqui o fato de que na teoria freudiana tanto o alucinar como o pensar se apresentam como formas de realizar o desejo, não havendo entre eles uma hierarquia pré-estabelecida, ao menos em relação à moção de desejo, estabelecendo-se a diferença *a posteriori*, em consequência do efeito ou não sobre a realidade e sobre as demandas pulsionais, ou seja, quanto à possibilidade de produção da ação específica. Enquanto o primeiro segue uma trilha mais curta, o segundo segue outra mais indireta, porém considerada mais eficaz do ponto de vista da sobrevivência do organismo. Neste sentido, a ordem do pensamento, na elaboração freudiana, não é nem um pouco distante da alucinação, desenvolvendo-se na realidade como substituto desta última, ao promover a possibilidade do adiamento da satisfação.

A relação entre o alucinar e o pensar é novamente trabalhada no ensaio *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (FREUD, 1911/1969), onde são descritos o princípio de prazer e o princípio de realidade. Aqui, Freud circunscreve a alucinação ao princípio de prazer, mostrando que os processos primários do inconsciente são regidos pela tendência a afastar-se do desprazer e obter o prazer. Quando surge o impulso das necessidades internas, o desejo é apresentado de maneira alucinatória. O desapontamento ao qual esse modo de satisfação é remetido obriga o aparelho psíquico a encontrar um modo de satisfação que efetue uma alteração real no mundo exterior, no sentido daquilo que Freud no ensaio de 1895 descreve como “ação específica”. Visando tal objetivo, um novo princípio do funcionamento psíquico é introduzido: o princípio de realidade, que formula que na mente não ocorre só o agradável, mas o real, mesmo que este seja desagradável (FREUD, 1911/1969, *op. cit.*, p. 279).

A entrada em cena do princípio de realidade opera uma coibição da descarga motora, não permitindo o livre escoamento da energia, exigindo que o aparelho psíquico tolere certo aumento da tensão. Essa coibição só ocorre quando o pensar entra em cena, permitindo ao aparelho adiar o processo de descarga, o que leva ao deslocamento de quantidades relativamente pequenas de energia, junto a um menor dispêndio desta. A descarga motora ganha aqui o estatuto de uma ação, que será empregada na alteração do mundo externo. A condição deste processo é a transformação das energias móveis em energias ligadas, o que só pode ocorrer se houver certa reserva com nível constante de energia no aparelho (*id., ibid.*, p. 281). Assim, vemos que o pensar requer o rebaixamento da tensão associado à contenção da descarga, ficando condicionado a descargas em menores quantidades. Enquanto o prazer é fruto da descarga, o pensar resulta da coibição da descarga, ainda que ambos respondam à dimensão energética.

É nesse sentido que podemos afirmar que não há na teoria freudiana uma diferença substancial entre as ordens da alucinação e do pensamento, sendo a distinção entre as duas uma questão de modulação da descarga das quantidades energéticas. Enquanto na alucinação encontra-se em vigor o escoamento de grande quantidade de energia, no pensar a energia é regulada por quantidades menores, sendo também menor o dispêndio energético. Vale lembrar que a finalidade do pensamento também é a satisfação, mas o percurso que aquele atravessa em direção a esta última é diferente do caminho que visa exclusivamente à descarga. Portanto, o princípio de realidade não se opõe ao princípio de prazer, pois também visa à realização do desejo. Podemos afirmar que tanto

a alucinação quanto o pensamento constituem, a partir da teoria freudiana, modos distintos de realização de desejo, o que reforça a formulação de que é o desejo que move, sempre, o psiquismo. Se alucinar e pensar são ambos regidos pelo desejo, se ambos atendem a finalidade da satisfação, pode-se demonstrar que não há uma demarcação de oposição ou de conflito entre as duas configurações psíquicas.

A alucinação, como estamos vendo, é a expressão de um enorme dispêndio de energia, de tensão extrema, momento em que o sujeito se encontra em estado de intensa descarga, de “violenta implosão em um sistema estanque” (NASIO, 1997, p. 32), o que nos permite circunscrevê-la ao campo das intensidades.

Por outro lado, a atividade alucinatória é também sinal de grande capacidade perceptiva. Esse traço da percepção aliada à alucinação é fundamental para compreendermos como se trata de um processo que não ocorre exclusivamente no nível da representação, ainda que se associe a ela. A percepção é o sistema que recebe as intensidades, não chegando a armazenar os traços representativos requeridos pelo sistema da memória.

De fato, a alucinação se dá a partir do sistema da consciência-percepção (*Bewusstseinswarnehmung*), apresentado por Freud em *Projeto para uma psicologia científica* como aquele que oferece signos de qualidade para o sistema ψ (FREUD, 1950 [1895]/1977, *op. cit.*). Trata-se do chamado sistema ω , que se localiza na superfície perceptiva mais externa do aparelho e, ao mesmo tempo, situa-se bem próximo ao sistema pré-consciente. No sistema da consciência-percepção o investimento é proveniente dos estímulos endógenos e um dos efeitos disso, como Garcia-Roza (1993) indica, é a produção da atividade alucinatória como fruto da regressão da excitação.

Consistindo em uma “porta de entrada” com livre circuito da energia, ω recebe tanto as quantidades que vêm de fora através do sistema φ quanto as estimulações internas provindas da vida intercelular do organismo. Deste modo, o sistema psíquico é afetado desde a consciência-percepção pelos signos de qualidade, que consistem em “aspectos sensíveis da percepção não redutíveis à quantidade” (GARCIA-ROZA, 1993, p. 214).

É importante observar que não se trata aqui da consciência proposicional que articula a representação-coisa à representação-palavra, a consciência plena de um sujeito que se torna consciente, mas de outro registro psíquico de consciência, que possui canal direto com a percepção, denominado consciência-percepção.

Segundo David-Ménard (2000), o sistema ω registra não quantidades de energia, mas sim diferenças relativas de frequência ou duração, o que nos

aproxima da noção freudiana de período e daquilo que se denomina sinal da consciência. Este sinal pode se desencadear quando quantidades de energia providas do exterior atingem o aparelho ou quando quantidades vindas do interior do organismo transmitem uma carga intensiva para ω . Neste segundo caso, ocorre uma alucinação e não uma percepção, sendo muito difícil discernir a diferença entre as duas. Só é possível detectar a diferença quando entram em cena as conexões associativas do sistema ψ , ou seja, os mecanismos da memória e da representação (*id.*, *ibid.*, p. 12).

Freud descreve os signos de percepção também na sua correspondência com Fliess, na *Carta 52*, mostrando como eles constituem uma primeira transcrição do psiquismo, pois se trata dos neurônios nos quais as percepções se originam (FREUD, 1950 [1896]/1977).

Uma característica central desse sistema é o fato de não reter traços de memória, pois “a consciência e a memória se excluem mutuamente” (*id.*, *ibid.*, p. 318). A consciência aqui se constitui a partir dos neurônios onde se gera a percepção, mas sem conservar traços de memória. Freud salienta que a passagem do sistema mnêmico para o sistema perceptivo ocorre através da alucinação. Se o que é traço foi antes percepção, pode tornar-se de novo percepção por meio da alucinação.

Em *O ego e o id* (FREUD, 1923/1976) a alucinação seria uma espécie de “percepção interna” que acontece como se o objeto estivesse realmente presente. A articulação estabelecida nesse ensaio entre percepção, memória e consciência indica a inserção fundamental do sistema da consciência-percepção no psiquismo, articulando o mecanismo da alucinação com uma ausência de memória e, ao mesmo tempo, com o registro de um índice de presença.

Portanto, a alucinação associa-se à superfície perceptiva do aparelho psíquico. Segundo Nasio, essa condição faz da alucinação “uma das formas possíveis de percepção do gozo”. (NASIO, 1997, *op. cit.*, p. 37). A intensidade do desejo nessa experiência psíquica é tal que a imagem-lembrança da vivência de satisfação é reavivada até tornar-se uma visão de inconteste realidade. A prova de realidade é abolida e entra em vigor a “prova de desejo” (*id.*, *ibid.*, p. 50).

Em *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, Freud (1917/1974, *op. cit.*) retoma o desenvolvimento que havia feito no capítulo VII de *A interpretação de sonhos* para mostrar que o problema da alucinação se refere ao modo como somos capazes de distinguir fantasia e realidade.

Com efeito, cabe lembrar que a fantasia é também fundamental para a realização do desejo, e que o delírio constitui-se, em verdade, na própria con-

dição de possibilidade do surgimento da alucinação. O impulso carregado de desejo, que expressa uma exigência pulsional inconsciente, formou-se no pré-consciente como “uma fantasia que satisfaz o desejo” (*id.*, 1917/1974, *op. cit.*, p. 258). Além do sonho, um dos caminhos para o qual o impulso desejante pode se dirigir é a consciência, onde se transforma em um delírio, que encontra no desejo o ingrediente maior para a sua produção. Assim, a fantasia e a alucinação não são restritas aos sonhos, podendo se manifestar em outros estados psíquicos. O delírio é também uma fantasia carregada de desejo claramente reconhecível, “com frequência, bem ordenada como um perfeito devaneio” (*id.*, *ibid.*, p. 261).

No texto sobre o romance *Gradiva*, de Wilhelm Jensen (*id.*, 1907/2006), Freud nos apresenta uma articulação bastante consistente entre desejo, fantasia, delírio e alucinação, em que esta aparece como instante paradoxal no qual o sujeito se vê capturado pelo delírio e empurrado na direção do desejo inconsciente pela via de um passado submetido ao recalque, mas com o qual ele precisa se reencontrar para restabelecer os laços com a realidade e voltar a amar.

Na história narrada por Jensen (1903/1987), Norbert Hanold é um jovem arqueólogo subitamente tomado de paixão por um relevo em mármore no qual se vê uma jovem caminhando com um movimento particular dos pés. Envolvido em ardorosa investigação da vida daquela que teria servido de modelo para a escultura, Norbert constrói a fantasia, sutil e progressivamente convertida em delírio, de que a moça, a quem denomina *Gradiva*, “aquela que avança”, teria vivido em Pompéia e que os dois – ela e ele – teriam se encontrado na noite da erupção do Vesúvio.

Movido, sem se dar conta, por esta fantasia, e por insistente angústia que aparece como incômodo provocado principalmente pelos casais em lua de mel que atravessam seu caminho, Norbert acaba sendo conduzido às ruínas de Pompeia onde é capturado pela visão de *Gradiva* rediviva. A alucinação é aí tomada por Freud como o instante em que o delírio vence a realidade de modo que o objeto do desejo se sobreponha, na percepção, aos objetos do mundo.

Enquanto assim anima o passado com sua fantasia, vê subitamente a inconfundível *Gradiva* de seu relevo: com seu andar ligeiro e gracioso, caminha pelas pedras de lava da calçada para cruzar ao outro lado da rua, tal e qual a vira em seu sonho daquela noite, quando se deitou como se fosse dormir, sobre os degraus do templo de Apolo (FREUD, 1907/2006, *op. cit.*, p. 15).

O delírio de Norbert, tal como o do Presidente Schreber (*id.*, 1911/2006), é uma tentativa de cura, a qual, inclusive, no seu caso, funciona graças à mediação de Zoe, a verdadeira identidade daquela que via como *Gradiva* que, atuando como terapeuta, estabelece com suas frases de duplo sentido um ponto de encontro entre fantasia e realidade o qual permite que, aos poucos, a realidade se recolque em posição de superioridade em relação ao delírio, eliminando do campo perceptivo o caráter alucinatório.

Deste modo, numa série de encontros explorados por Freud como semelhantes à cura pretendida pela análise, Norbert acaba tomando consciência de que Zoe é uma antiga companheira de brincadeiras infantis, um primeiro amor que, recalcado, só pode retornar pela mediação da fantasia e que antes de voltar a ser uma pessoa real precisa ser alucinada. A figura do Outro aparece aqui como ponto de apoio e mediação para que o sujeito reencontre o real e também o seu destino, e deste modo *Gradiva/Zoe* revela-se ao mesmo tempo objeto e destinatária da enunciação delirante e da alucinação que o delírio sustenta.

À medida que percebe *Gradiva* como uma garota do seu tempo e não um fantasma, Norbert dá-se conta ainda de certos detalhes da realidade, como a fenda entre as paredes, pela qual o fantasma anteriormente aparentemente desaparecera. A experiência alucinatória é, deste modo, tomada por Freud como a perturbação da função perceptiva pelo superinvestimento da fantasia, o qual, por sua vez, ocorre em função do recalque do objeto de desejo, Zoe, um amor da infância do personagem, soterrado pelo recalque. Ou seja, é pela via alucinatória que o antigo objeto de amor se reintroduz na experiência subjetiva do personagem de Jensen.

Do mesmo modo, em *Lembranças encobridoras* (FREUD, 1899/2006), as fronteiras entre fantasia e realidade são constantemente borradas em função do fluxo de intensidades postas a circular livremente no aparato pelo recalque, o qual as faz retroceder do processo secundário ao primário. O delírio representa a vitória da fantasia de desejo sobre a percepção da realidade e a experiência alucinatória no momento em que tal fantasia toma corpo comprometendo a separação entre mundo interno e mundo externo.

Por outro lado, a cura implica o desinvestimento da fantasia e reinvestimento da realidade e dos seus objetos – no caso de Norbert, a retomada do amor, agora plenamente sensual, pela antiga companheira de infância. Neste processo, podemos notar ainda, a partir da descrição freudiana, como fio condutor da sua interpretação, o vínculo entre a fantasia delirante e os sonhos, transformados em espécie de testemunhas do processo de reaproximação do

sujeito à verdade recalcada, pois a cada sonho um pequeno traço da realidade se insinua na fantasia e a modifica de modo que tal reaproximação vá, aos poucos, tornando-se possível.

Esta função do sonho como testemunha da reaproximação do sujeito com a realidade, em particular sob a forma da lembrança recalcada, está também presente em outro texto freudiano, este propriamente clínico, a análise do Homem dos Lobos. É o sonho com os lobos que, a partir da mediação transferencial, recolocará na ordem do vivido a experiência da cena primária (FREUD, 1918/2006).

Cabe destacar o modo como Freud instala como elemento central em sua compreensão, seja do laço com a realidade, seja do fantasiar ou da elaboração onírica, a dimensão econômica, o registro afetivo, o qual será em última instância responsável pelo valor de verdade das representações – pensamentos e ideias – e pela possibilidade de tais representações agirem sobre o sujeito determinando as suas ações. É, em última instância, a força do desejo inconsciente, recalcado, que determina a força do delírio e conduz o sujeito à via alucinatória, atribuindo valor de verdade à fantasia. O delírio não é, portanto, resultado de um erro ou incapacidade de julgamento, mas produto do funcionamento econômico do aparato psíquico.

Se o doente crê com tanta firmeza em seu delírio, isso não se produz por uma perturbação de sua capacidade de julgar nem se deve ao que há de errôneo em seu delírio. Antes o contrário, em todo delírio se esconde um pequeno grão de verdade; há nele algo necessariamente digno de crença e é essa a fonte da convicção do doente. (...) O convencimento se desloca, por assim dizer, do verdadeiro inconsciente ao errôneo consciente enlaçado com aquele e, justamente por causa de tal deslocamento, permanece ali fixado (*id., ibid.*, p. 67. A tradução é nossa).

Tomando como referência o fantasiar, ponto de articulação, aliás, entre o sonho, a realidade e os desejos inconscientes, tal dimensão econômica aparece de modo forte na articulação entre a produção de fantasias e o trabalho de ligação, base dos processos de elaboração/perlaboração, o que, aliás, se articula às formulações do *Projeto de 1895* uma vez que tal trabalho de ligação resulta na conversão da energia livremente circulante em energia ligada e ao mesmo tempo, em outro nível – central na ideia de elaboração secundária, etapa final do trabalho de produção do sonho – na captura dos traços mnêmicos pelas

representações de palavra. Assim, podemos pensar a construção das fantasias ao mesmo tempo como mediação da relação do sujeito com a realidade e como ordenamento das intensidades postas em jogo pelo movimento desejanste.

Freud retoma a discussão sobre o fenômeno alucinatorio em um de seus últimos textos – *Construções em análise* – onde mais uma vez a alucinação aparece alinhada em uma série a qual inclui os sonhos e o fantasias. Neste momento do pensamento freudiano a alucinação pode ser pensada não apenas como materialização do desejo como percepção a partir do movimento regressivo, mas também como atualização de lembranças que, marcadas pela vividez sensorial, efeito do superinvestimento intensivo, tornam-se presentes e atuais (FREUD, 1937/2006, p. 268).

É importante destacar que neste texto o tema central são as construções, enunciados do analista que procuram dar conta das lacunas na memória do analisando, e o principal problema é a distinção entre o que foi efetivamente vivido e o que apenas se encaixa na história da neurose, dando sentido aos sintomas ou produzindo efeitos no tratamento, o que leva Freud, por fim, a distinguir entre uma “história objetiva de vida” e uma “verdade histórico-vivencial”. Interessa-nos aqui a possibilidade, aberta por Freud, de que a verdade se desloque do plano da objetividade para instalar-se no plano da vivência desejanste, submetida ao trânsito dos afetos e pondo em questão qualquer limite preciso entre a fantasia e a realidade material, ou entre alucinação e percepção. Deste modo, é tal verdade presente no registro da ficção – hierarquizado em três graus de afastamento da dita realidade material: fantasia, delírio e alucinação – que deve, como testemunha da emergência da pulsão, nos servir de guia tanto para a compreensão do psiquismo como para a escuta do paciente no processo analítico:

Assim, renunciaríamos ao empenho vão de convencer o doente do desvario de seu delírio, sua contradição com a realidade objetiva, e em troca encontraríamos no reconhecimento desse núcleo de verdade um solo comum sobre o qual pode se desenvolver o trabalho terapêutico (*id., ibid.*, p. 269. A tradução é nossa).

Concluindo, portanto, atravessamos neste artigo vários momentos da obra freudiana que indicam a produção alucinatoria e delirante como via privilegiada de produção de desejo. Nossa intenção foi diferenciar a teoria freudiana da alucinação das perspectivas psicológicas que consideram a alucinação um erro

perceptivo e a revestem de forte tonalidade patológica. Ao relacionar a produção alucinatória ao desejo, buscamos demonstrar que a alucinação é um dos registros possíveis do aparelho psíquico descrito por Freud, justamente aquele que remete à figura do sonhador. A associação entre alucinação, fantasia e delírio pôde ser elaborada em referência aos modos de relação com a realidade e com o outro. Ao mesmo tempo, circunscrevemos estes componentes à descarga motora e aos signos de percepção, ressaltando sua inserção no registro econômico da metapsicologia, buscando valorizar o lugar das intensidades e, portanto, dos afetos e de sua circulação e regulação no aparelho psíquico.

Isabel Fortes

e-mail: mariaisabelfortes@gmail.com

Eduardo Leal Cunha

e-mail: dudalealc@uol.com.br

Tramitação:

Recebido em 15/11/2011

Aprovado em 12/04/2012

Referências

- DAVID-MÉNARD, Monique. Désir. In: KAUFMANN, p. (Org.). *L'apport freudien: éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse*. Paris: Bordas, 1993. p. 94-99.
- _____. *A histórica entre Freud e Lacan*. São Paulo: Escuta, 2000. Tradução M. p. Cataldi.
- FORRESTER, John. *A interpretação dos sonhos: a caixa-preta dos desejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. Tradução V. Ribeiro.
- FREUD, Sigmund. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 277-286. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).
- _____. (1900). *A interpretação de sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 361-660. (ESB, 5).
- _____. (1917). *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 253-267. (ESB, 14).

- _____. (1923). *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-83. (ESB, 19).
- _____. (1950 [1896]). *Carta 52*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 317-324. (ESB, 1).
- _____. (1950 [1895]). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 395-517. (ESB, 1).
- _____. (1899). *Sobre los recuerdos encobridores*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. p. 291-316. (Obras completas, 3).
- _____. (1907). *El delírio y los sueños em la 'Gradiva' de W. Jensen*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. p. 1-80. (Obras completas, 9).
- _____. (1911). *Puntualizaciones psicoanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. p. 1-76. (Obras completas, 12).
- _____. (1918). *De la historia de uma neurosis infantil*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. p. 1-111. (Obras completas, 17).
- _____. (1937). *Construcciones en el análisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. p. 257-270. (Obras completas, 23).
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana: interpretação do sonho* (1900). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- JENSEN, W. (1903). *Gradiva, uma fantasia pompeiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. Tradução A. Melin.
- NASIO, Juan-David. *A alucinação e outros estudos lacanianos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Tradução L. Magalhães.